

A apresentação de Harold Innis por Marshall McLuhan¹

Rodrigo Miranda BARBOSA²

Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste, Caruaru, PE

RESUMO

A leitura de Harold Innis geralmente é feita após um primeiro contato com a obra de Marshall McLuhan. Para alguns autores isso envolveu um tipo de leitura da obra de Harold Innis, ao ponto de ser considerada uma perda do alcance e objetivos da obra do autor. O artigo propõe então discutir de que maneira o pensamento de Harold Innis foi apresentado pelo também canadense McLuhan. A análise se desenvolveu através de uma pesquisa bibliográfica no material publicado por McLuhan e concluímos que McLuhan apresenta o pensamento de Innis a partir de a) uma continuidade dos seus estudos sobre commodities para os estudos da importância meios de comunicação na estrutura das sociedades; b) o estilo de escrita de Innis como um método deliberado nos estudos mais focados nos meios de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Apropriação, Harold Innis, Later Innis, Marshall McLuhan, Métodos de Comunicação.

INTRODUÇÃO

O canadense Harold Innis (1894-1952) foi um dos mais reconhecidos economistas políticos do país e da América do Norte. Graduado pela Universidade McMaster e depois doutorado pela Universidade de Chicago, Innis se transformou em professor da Universidade de Toronto em 1920. Os estudos econômicos de Innis estabeleceram um olhar a partir das margens, contra as narrativas teóricas mais populares do período ligadas aos grandes centros, e colocaram Innis como ponto central para a compreensão do Canadá a partir de um viés especificamente canadense.

Tal nacionalismo cresceu a partir de sua participação na Primeira Guerra Mundial, estabelecendo-se nos seus estudos conhecidos como *dirty research*; vez que realizava contato empírico direto com seu objeto de estudo, ao ponto de ter visitado inúmeras regiões do Canadá. Utilizando todos os meios de transporte possíveis, visitando locais remotos e entrevistando moradores, trabalhadores, empresários e criando seus próprios mapas

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Rodrigo Miranda Barbosa, professor do curso de Comunicação Social da UFPE – Centro Acadêmico do Agreste, rmbdesign@gmail.com / rodrigo.mbarbosa@ufpe.br

geográficos com a localização dos principais *commodities*, vias de transporte e indústrias em todo o Canadá.

Innis se transformou em referência nacional, atingindo grande prestígio e sendo empossado como coordenador do departamento na Universidade de Toronto (1937). Após, como decano de pesquisa e pós-graduação da mesma universidade. (1947). Tal reputação levou a Fundação Rockefeller a confiar a Innis a tarefa de distribuir diversos investimentos em pesquisa no Canadá. E em 1948, no auge da sua popularidade, foi indicado como o primeiro presidente da *American Economic Association*; sendo o primeiro presidente não americano a presidi-la em 1952 (HEYER, 2003, p. 55).

Esse grande prestígio de Innis na economia política deixou intrigados alguns de seus colegas quando, na sua última década, começou a produzir estudos mais ligados aos meios de comunicação e a imprensa, com destaque para os livros *Empire and Communications* (1950), seguido de *The Bias of Communication* (1951) e por último o livro póstumo *Changing Concepts of Time* (1952). Nos textos, Harold Innis produziu uma análise do funcionamento de sociedades do passado a partir dos meios de comunicação como ponto de sustentação destas sociedades. Entretanto, diferente de uma análise presa ao passado, seu objetivo foi utilizar o passado como um modelo cujos conceitos sobre a importância dos meios de comunicação e da imprensa eram aplicáveis para compreender suas funções nos impérios do seu presente diante de um mercado globalizado. Esses estudos “foram recebidos com indiferença, para não dizer hostilidade.” (BUXTON, 2011, p. 257), mas não por Marshall McLuhan.

O canadense Marshall McLuhan iniciou sua carreira na área das letras e expandiu seus horizontes a partir de um mestrado e doutorado em Cambridge onde foi influenciado diretamente por Ivor Richards e a técnica de análise do *close reading*. Ademais, também sofreu influência de F. R. Leavis e de sua compreensão do discurso textual ligado a sociedade. Para ele, a literatura deveria estar intimamente relacionada à crítica da vida; o crítico literário precisaria avaliar as obras de acordo com a posição moral do autor e da sociedade.

Voltando à América do Norte e recém-convertido ao catolicismo, encontrou posição nos Estados Unidos, na Universidade de Wisconsin (1936-1937) e em seguida na Universidade de Saint Louis (1937-1944). Lidando com estudantes diretamente impactados pela cultura de massa, coloca em prática em sala de aula as técnicas dos seus mestres para analisar a cultura de massa e a publicidade.

Encontrou posição no Canadá em 1944 e, após um breve período na *Assumption College*, conseguiu colocação na Universidade de Toronto, em 1946, junto à faculdade católica *St. Michael's College*. Foi na Universidade de Toronto que McLuhan conheceu Harold Innis.

McLuhan, impactado pelo trabalho de Innis e de outros colegas da Universidade de Toronto, passou a desenvolver inúmeros estudos sobre os meios de comunicação, reverenciando Innis como uma grande fonte de inspiração. Ao ponto de, em seu livro *The Gutenberg Galaxy* (1962) e também dois anos depois na nova edição do livro de Innis *The Bias of Communication* (1964), afirmar: “I am pleased to think of my own book *The Gutenberg Galaxy* [...] as a footnote to the observations of Innis on the subject of the psychic and social consequences, first of writing then of printing.” (2005, p. 8).

O encontro com Innis e outros colegas é considerado como um ponto de virada no pensamento de McLuhan, segundo Buxton (2011), pois “McLuhan escrevera relativamente pouca coisa sobre o tema da comunicação, concentrando-se na crítica literária e seu texto sobre cultura popular, *The Mechanical Bride*, dificilmente chamou a atenção, vendendo apenas umas poucas cópias.” (2011, p. 257-258). Depois de *The Mechanical Bride* (1951), McLuhan publicou *The Gutenberg Galaxy* (1962) e logo em seguida *Understanding Media* (1964). Conquistou uma popularidade mediática impressionante para um acadêmico, no período, ao focar nos efeitos dos meios de comunicação compreendidos como tecnologias não-neutras que possuem o potencial de transformar as relações sociais, os sentidos humanos e com isso o acesso ao conhecimento.

Depois da década de 1970, a popularidade de McLuhan diminuiu muito devido à saturação de sua presença e expressões, críticas e a precarização de seu estado de saúde a partir da década de 1970; culminando no seu falecimento em 1980. Mas, com o advento da Internet e a sua rápida difusão nos anos 2000, seu prestígio foi retomado. Muitos chamaram atenção para o fato de que suas principais ideias pareciam lidar diretamente com o tempo de uma sociedade conectada.

Não foi à toa que a revista americana *Wired*, especializada em tecnologia e cultura, lançada em 1993, denominou McLuhan como santo padroeiro da revista.

Apesar da importância e prestígio de Harold Innis na economia política, poucos autores seguiram seus passos nos estudos de comunicação. Foi McLuhan quem atingiu uma popularidade mediática como especialista nos meios de comunicação, e quem colocou Innis como pioneiro. Como afirma Onufrijchuk “In a fundamental sense, Innis introduced

McLuhan to the study of communication, and in another sense, McLuhan introduced Innis to the world.” (1993, p. 1). Tal fato influenciou, historicamente, que a leitura de Innis geralmente fosse feita posteriormente ao trabalho de McLuhan; implicando, também, no enquadramento do trabalho de Innis pelo McLuhan.

Isso não se dá sem percalços. William Buxton, principal pesquisador do trabalho desenvolvido por Innis, denomina a apropriação que McLuhan fez do trabalho de Innis como “a perda do senso de Innis” (*The Loss of Innis-sense*) (2011). A conclusão é de que Innis passou a ser visto como uma nota de rodapé de McLuhan.

Innis and McLuhan were increasingly being treated by media scholars as a tandem—as the cofounders of the so-called Toronto School of Communication (Toronto School). Yet more often than not, Innis had become the footnote to McLuhan—a rather dim and fuzzy background to McLuhan’s luminescent foreground. (BUXTON e BARDINI, 2012)

Nesse sentido, faz-se necessária uma investigação para tentar compreender que enviesamento é esse que McLuhan propõe ao apresentar o trabalho de Innis seja se aproximando deste ou se afastando; e até mesmo defendendo Innis dos seus colegas que não compreenderam o que Innis estava fazendo ao desenvolver uma série de estudos sobre os meios de comunicação na sua última década de vida.

Para desenvolver tal trabalho, vamos nos basear em uma grande pesquisa bibliográfica nos livros, artigos, entrevistas, cartas e vídeos em que McLuhan fez referência ao trabalho de Innis. Iniciamos primeiro tentando compreender em que momento Innis e McLuhan se conheceram intelectualmente e pessoalmente. Posteriormente apontamos dois pontos para discussão sobre a apropriação do trabalho de Innis por McLuhan: a) a continuidade dos estudos de Innis dos *commodities* para os meios de comunicação; b) o estilo de escrita de Innis como um método deliberado nos estudos mais focados nos meios de comunicação.

INNIS E MCLUHAN: O PRIMEIRO CONTATO

A história do encontro entre Innis e McLuhan tem inúmeras facetas e versões. Em entrevista dada a Carl Scharfe (1976), Marshall McLuhan contou a história de quando conheceu Innis. Disse que ficou sabendo que Innis colocou o livro *The Mechanical Bride*

(1951)³ na sua lista de leituras recomendadas para o seu curso de pós-graduação. Por causa disso, teria ido conversar com Innis, afirmando que se preparou para tal conversa lendo o livro *The Bias of Communication* (1951).

McEwen (2018) teve importante papel na tentativa de compreender o quão inconsistente era a narrativa contada por McLuhan e buscou investigar em que momento Innis e McLuhan tiveram seus primeiros contatos. Segundo McEwen, McLuhan contou a mesma história em entrevista em 1977 e depois em 1978, adicionando que foi após a leitura de *The Bias of Communication* (1951) que se transformou em um seguidor de Innis.

Tal cronologia, segundo McEwen (2018), não faz sentido, pois o livro *The Mechanical Bride* foi lançado em 1951 e eles já tinham pelo menos almoçado junto a Tom Esterbrook segundo carta enviada para Lewis Mumford em 1948⁴ (28 de dezembro) (McLUHAN, MOLINARO, McLUHAN, 1987, p. 208). Provavelmente, tal encontro se deu em decorrência da participação de ambos em um grupo de estudos na Universidade de Toronto denominado *The “Values” Discussion Group*, liderado por Innis e enviado como projeto para financiamento da Fundação Rockefeller em 1948. O grupo foi aprovado e teve seus primeiros encontros em 1949 (BUXTON, 2004).

Em uma carta de McLuhan reescrita de provavelmente início de 1951 ou ainda final de 1950 (Innis respondeu em fevereiro de 1951 pedindo desculpas por ter demorado em responder), McLuhan citou o livro *Empire and Communications* que havia sido lançado em 1950 e *The Bias of Communication*, que só seria lançado em 1951. Ou seja, é pouco provável que McLuhan teria lido primeiro *The Bias of Communication*, antes de outras obras de Innis como *The Empire and Communications* (MCEWEN, 2018). McLuhan, em 1964, na introdução de *The Bias of Communication*, contou a história de forma diferente. Ele disse que, uma vez que Innis dirigiu atenção para seu trabalho, é que foi ler o primeiro ensaio do livro (“Minerva’s Owl.”⁵, que consistiu numa palestra em 1947 e que, posteriormente, foi publicada em 1948).

³ Provavelmente não foi o livro que foi colocado na lista de leitura, mas sim algum dos dois artigos que sobre a temática e que McLuhan publicou em 1947 (MCEWEN, 2018). Depois, na edição de 1964 de *The Bias of Communication* McLuhan conta a história diferente, pois afirma que Innis direcionou a atenção para “some work of mine” (2005, p. 8) e não o nome do livro *The Mechanical Bride* (1951).

⁴ Na edição da revista *Dalhousie Review* de Janeiro de 1936 foram publicados um texto de Innis e um de McLuhan, mas não é possível confirmar se McLuhan e Innis leram o texto um do outro.

⁵ Nas reuniões do “*Values” Discussion Group* de 1949, Innis apresentou também versões de textos que viriam integrar o livro *The Bias of Communication* (1951).

Tom Easterbrook, amigo de várias décadas de McLuhan, fez sua pós-graduação na Economia Política em Toronto e escreveu a sua tese sob orientação de Innis. Este último e Easterbrook foram muito próximos e Innis encaminhou a tese de Easterbrook para publicação pela University of Toronto Press (UTP), assim como escreveu o prefácio do livro. Quando Easterbrook voltou para a Universidade de Toronto, agora como professor, ele trabalhou diretamente com Innis; e, segundo McEwen (2018), foi um dos seus amigos mais íntimos. Então, além de Easterbrook ter apresentado Innis a McLuhan, McLuhan ouvira falar muito de Innis, em razão de sua amizade com Easterbrook. Provavelmente leu primeiro o artigo “Minerva’s Owl” (1948) e teve o primeiro contato pessoal com Innis durante os preparativos das reuniões do grupo (1948) e propriamente quando de tais encontros (1949). Pouco tempo após, McLuhan passou a referenciar e reverenciar sistematicamente o trabalho de Innis.

Uma situação emblemática é a carta que McLuhan (1995) escreveu em 1951 para Innis. Nessa carta McLuhan disse que queria fazer circular os textos de Innis entre vários colegas, pois acreditava que toda uma escola de pensamento podia ser formada a partir dos trabalhos desenvolvidos por Innis. Outra situação que teve grande repercussão, justamente por ter sido publicada em livro foi a afirmação de McLuhan de que seu livro deveria ser considerado uma nota de rodapé ao trabalho de Innis. Isso aconteceu em *The Gutenberg Galaxy* (1962), e repetiu-se no livro *The Bias of Communication* (1964) de Innis.

McLuhan, segundo Tom Wolfe (2000 *apud* CHRYSTALL, 2020) foi bastante criterioso em creditar autores que o influenciaram. Por isso a importância da reverência que fez ao trabalho de Innis em tantas oportunidades. Já Robert Logan (2000 *apud* CHRYSTALL, 2020) apontou que McLuhan ter feito tal relação evidenciaria que eles compunham juntos como um “coherent system of thought—the Toronto School—with a systematic methodology and common set of basic assumptions and presuppositions.” (CHRYSTALL, 2020, p. 328).

Ou seja, colocar-se como seguidor de Innis demonstraria a existência de uma escola de pensamento e que McLuhan era um dos responsáveis por essa investida. William Buxton (2011) percebe essa “reverência” feita por McLuhan ao trabalho de Innis como planejada por McLuhan para ganhar popularidade. Buxton (2011) aponta que Innis gozava de grande prestígio na universidade, enquanto McLuhan era um professor de pouca projeção até começar a se colocar como seguidor de Innis. Em 1953, McLuhan junto ao antropólogo Edmund Carpenter escreveram um projeto para a *Ford Foundation* em busca de um

financiamento de 50 mil dólares para o desenvolvimento de um grupo de pesquisa “Changing Patterns of Language and Behavior and the New Media of Communication”. As obras de Innis sobre comunicação era tópico essencial para as discussões do seminário semanal que duraram dois anos (BUXTON, 2011, p. 259-260). No projeto enviado para a *Ford Foundation*, os autores fizeram diversas referências ao trabalho de Innis e, para Buxton (2011), isso demonstrava que McLuhan se aproximou de Innis para conseguir apoio aos seus projetos.

As reedições de *The Bias of Communication* (1964) e *Empire and Communications* (1972) com introdução e apresentação feitas por McLuhan foram muito influentes e, em grande parte, foi a perspectiva de McLuhan que dominou a forma como Innis foi apresentado para novos pesquisadores. Sobre isso é importante compreender o que McLuhan disse sobre Innis e como se aproximou de sua obra e apresentou-a para o mundo.

COMO MCLUHAN APRESENTOU O TRABALHO DE INNIS

Tentaremos expor cronologicamente, dentre os materiais a que foi possível ter acesso, a maneira que McLuhan apresentou o trabalho de Innis e como se colocou como um de seus seguidores. Apesar de McLuhan ter comentado sobre Innis através de cartas para contatos e amigos (uma, inclusive, para o próprio Innis), as primeiras ocorrências em materiais publicados por McLuhan ocorreram no ano de 1953, como “The Later Innis” (1953b) e “Culture Without Literacy” (1953a). No ano seguinte em “Joyce, Mallarmé, and the Press” (1954); e outras citações em anos posteriores.

Neste artigo iremos discutir dois aspectos dessa apresentação feita por McLuhan: a) A continuidade dos estudos de Innis partindo dos *commodities* para os meios de comunicação; b) o estilo de escrita de Innis como um método deliberado nos estudos mais focados nos meios de comunicação.

a) A continuidade dos estudos de Innis partindo dos commodities para os meios de comunicação

Publicado um ano após a morte de Harold Innis, em “The Later Innis” (1953b) McLuhan procura demonstrar para os colegas de Innis que o trabalho desenvolvido na sua última década foi um aprofundamento desde as suas pesquisas sobre “commodities” mais focadas na economia política para os estudos de comunicação.

Often misunderstood or ignored by those who had admired his classic study of the Fur Trade, the work of the later Innis was a shift in attention from the trade-routes of the external world to the trade-routes of the mind. (1953b, p. 385).

Como aponta McLuhan, Innis mudou a sua atenção das rotas comerciais do mundo exterior para as rotas comerciais da mente. Innis teria dado início a essa compreensão desde a sua pesquisa sobre o comércio de pele de castor “He created a working model of the entire industry from the inside” (1953b, p. 385).

Segundo McLuhan, uma vez criado um modelo, Innis foi capaz de extrapolar as situações do comércio de pele a partir das interrelações entre as características da indústria e todo os outros aspectos sociais e políticos que as condicionavam – e pelos quais também eram condicionados –, pela análise das rotas comerciais. McLuhan definiu esse tipo de pesquisa como “total reconstruction of an industry”. Esse método de trabalho muitas vezes levou Innis para além dos confins do seu próprio domínio da economia política, devido à quantidade de fatores analisados.

Em um texto do jornal *Innis Herald* da Universidade de Toronto citou-se entrevista dada um ano antes por McLuhan, em que discute como Innis teria se preocupado com a questão dos efeitos das tecnologias. (McLUHAN *apud* SCHARFE 1977, p. 3).

Nela, McLuhan disse que a questão dos efeitos dos artefatos “man-made” sempre esteve nos estudos de Innis. Para McLuhan, toda a discussão sobre as rotas comerciais que Innis investigou era na verdade um empreendimento tecnológico. “The whole fur trade enterprise was a technological enterprise. And he was studying the effects of staples.” (McLUHAN *apud* SCHARFE, 1977, p. 3).

Segundo McLuhan (acerca de como Innis estudava a forma que os *commodities* afetavam a vida econômica das pessoas): “He studies the technology involved. And in the fur trade he studies all of the aspects of the technologies involved in the fur trade. And he was studying effects at all times.” (McLUHAN *apud* SCHARFE, 1977, p. 3)

A transição, então, para o estudo dos meios de comunicação foi bastante simples, segundo McLuhan. E, mais uma vez, cita a transição dos dois Innis das externas rotas comerciais do mundo para as rotas comerciais da mente. “He became aware that the modern world, having solved the problem of commodities, had turned its technology to the packaging of information and ideas.” (1954, p. 41-42).

No artigo de 1954 “Joyce, Mallarmé, and the Press”, indicou que as redes de notícias, comércio e transporte eram uma rede só. A relação de dependência entre as rotas

comerciais e os meios de comunicação foi apontado por McLuhan (1960) a partir do conceito de “price-system” de Innis, explorado principalmente no artigo “The Penetrative Powers of the Price System” (1938).

McLuhan apresentou uma citação de R. F. Neill, no seu “An Exploratory Survey of Industrial Galaxies in Canadian Economic Development”, a partir do qual explorou o conceito de Innis, explicando os efeitos decorrentes dos avanços do sistema de preços enquanto ligado diretamente à eficiência dos meios de comunicação.

O sistema de preços pode ser descrito, segundo Neill (1960 *apud* McLuhan, 1960), como um simples processo de crescimento econômico e industrialização ou, na verdade, um “impersonal force seeking to spread its domination.”. Essa dominação não depende apenas da eficiência econômica dos meios de comunicação, mas da habilidade do centro industrial de produzir meios de comunicação mais eficientes.

Nesse caso, trata-se de um efeito em cadeia. A expansão do mercado devido ao uso de meios mais eficientes produziria mais divisão do trabalho; e, com isso, mais excedentes de produção que pressionam por novas maneiras de aumentar a eficiência dos meios de comunicação para expandir do mercado. McLuhan então elogiou a percepção de Neill sobre o trabalho de Innis ao afirmar “Neill here shows a grasp of Innis which is rare indeed, but Innis in turn had a grasp of causal relationships between media and all levels of social structure from education to industry...” (1960, p. 570-571).

Na resenha de 1953 do livro póstumo de Innis *Changing Concepts Of Time* (1952), McLuhan afirmou que esse argumento da transição entre as duas fases do trabalho de Innis pela análise da penetração do sistema de preços (que ligou desde os seus estudos sobre *commodities* até a publicidade e a imprensa) foi-lhe sugerida justamente pelo amigo e orientando de Innis: “W. T. Easterbrook has suggested that the transition from the study of staples such as minerals, timber, fish, furs, to advertising and the press occurred via his study of the effect of prices on the movement of goods.” (1953c, p. 44).

E como disse McLuhan, preço é uma questão de informação “But pricing is so very much an affair of information and communication that it is natural for a student of prices to shift attention from the flow of goods to the flow of information.” (1953c, p. 44). McLuhan apropriou-se desse processo e afirmou que iria trabalhar nesse mesmo projeto, discutindo os “penetrative powers of the Gutenberg technology” (1960, p. 571)

And the penetrative powers of the pricing system were as nothing beside the power of the new media of communication to penetrate and transform

all existing institutions and patterns of thought.” (McLUHAN, CARPENTER, 1956, p.49-50)

Outra explicação de McLuhan para a transição que acontece no trabalho de Innis consiste em equivaler as rotas comerciais de *commodities* e os meios de comunicação como produtos naturais; ou seja, tratar os meios de comunicação como um tipo de *commodity*.

A palavra impressa era, ela própria, artigo de consumo, novo recurso natural, o qual nos iria mostrar como manipular todas as outras espécies de recursos, inclusive nós mesmos. Os meios de comunicação, como produtos ou recursos naturais, constituem o tema de trabalho recente de Harold Innis. Seu primeiro livro diz respeito a produtos básicos no sentido comum. Em sua maturidade, Innis descobriu que os meios de comunicação tecnológica, como a escrita, o papiro, o rádio, a fotogravura e outros que tais, são, eles próprios, riqueza. (McLUHAN, 1972, p. 228)

Dessa forma, McLuhan defendeu Innis e seu foco na análise da relação entre cultura e os meios de comunicação; tencionando demonstrar que, apesar de fases distintas, a transição se deu de forma natural por um avanço das pesquisas que Innis já estava empreendendo e que merecia - se não mais -, o mesmo prestígio das suas pesquisas anteriores. McLuhan, então, colocou-se como a pessoa que foi capaz de perceber o potencial de tal trabalho, e como a pessoa que iria continuar essas pesquisas, ainda que, da sua maneira. Isso, fez com que McLuhan, ao descrever Innis, acabasse descrevendo a si mesmo em alguns aspectos. Um deles é método de apresentação das suas ideias.

b) O estilo de escrita de Innis como um método deliberado nos estudos mais focados nos meios de comunicação

Os trabalhos de viés econômico de Innis, segundo McLuhan, dedicavam-se mais a organizar as informações “por meio de conjuntos em perspectiva de dados inertes e estáticos” (1972, p. 293) que efetivamente a “caracterizar as configurações” e as consequências dessas configurações a partir da interação. McLuhan apontou que em alguns momentos Innis demonstrou esse tipo de aproximação tão característica dos seus últimos trabalhos mais focados nos meios de comunicação. “À medida que começou a compreender a força estruturalizante dos meios de comunicação para impor subliminarmente seus pressupostos, esforçou-se por registrar a interação dos meios de comunicação e das culturas:” (McLUHAN, 1972, p. 293). Para McLuhan, o método linear de apresentação dos fatos não serviria para desenvolver o tipo de pesquisa que Innis estava fazendo, ao reconstruir o processo histórico através da criação de um modelo baseado no passado.

But if one were to attempt to show the impact of the fur trade on European and American politics, and simultaneously, its effect on the traditional social patterns of a dozen different societies, the linear method is suddenly seen to be as inadequate and abstract as the treatment of economic man under the figure of Robinson Crusoe. (1953c, p. 45).

Na perspectiva de McLuhan, Innis então passou de uma análise da economia, para a análise de todo o processo social em que a economia é “a preferentially treated aspect”, para apresentar uma visão multifacetada. Com isso veio um tipo de escrita específica “That explains his resort to discontinuous ‘shots’ or statements juxtaposed in a kind of rhetorical or prose montage. Readers of his earlier linear prose are baffled by this change which looks like a collapse into the inarticulate” (1953c, p. 45). Para McLuhan, Innis não tomava um ponto de vista fixo; ao contrário, optava pela justaposição de inúmeros fatores que caminhavam juntos em cada transformação de uma sociedade, tendo como ponto de compreensão os meios de comunicação.

Innis sacrificou ponto de vista e prestígio ao seu senso da necessidade urgente de intuição penetrante. Um ponto de vista pode ser luxo perigoso quando substitui a perspicácia e a compreensão. Na medida em que desenvolveu suas intuições, Innis abandonou qualquer mero ponto de vista na apresentação do conhecimento. Quando articula, e entre relaciona o desenvolvimento da prensa a vapor com “a consolidação das línguas vernáculos” e o surto de nacionalismo e, revolução, não está se referindo ao ponto de vista de ninguém, muito menos ao seu. Está armando uma configuração em mosaico, ou uma galáxia, para ser perscrutada. (1972, p. 293)

A explicação de McLuhan sobre o que seria o conceito de “ponto de vista” se dá a partir das suas próprias pesquisas: “O primeiro efeito da tipografia, ao alterar as posições relativas entre os sentidos humanos, foi substituir o ponto de vista estático pela intuição da causalidade dinâmica.” (1972, p. 293). McLuhan quis dizer que, ao não defender um ponto de vista fixo, não há um julgamento de valor, um “receituário” (1972, p. 294).

A crítica de McLuhan ao ponto de vista fixo não ficou somente no discurso, ele precisou absorver essa crítica no seu próprio estudo. Para isso, escreveu os seus textos com o uso de metáforas, analogias, aforismos e uso extensivo de exemplos para montar um mosaico que levaria a um reconhecimento de um padrão em vez de seguir a linearidade sequencial da palavra escrita. McLuhan percebeu que Innis tentou usar o mesmo método; e que este seria apropriado para a análise do presente, diante da compreensão das características dos meios de comunicação.

O ponto de vista fixo, empregado por McLuhan até seu livro *The Mechanical Bride* (1951) - e em parte influenciado por F. R. Leavis-, é uma visão muitas vezes moralista da cultura. McLuhan elogiou Innis justamente por não fazer um julgamento moralista dos efeitos dos meios de comunicação na sua relação com os processos culturais e econômicos.

E Innis não fez uma explicação detalhada, mas saltos grandes entre argumentos e conclusões. Isso seria deliberado, segundo McLuhan, e aproximaria tal método das artes. “Não apresenta nenhum receituário para uso do consumidor em sua última obra, mas tão-só expedientes do tipo ‘faça-o você mesmo’, à maneira de um poeta simbolista ou de um pintor abstrato.” (1972, p. 294), ainda que McLuhan diga que “Harold Innis [...] had no training whatever in the arts, and this was his gross defect.” (McLUHAN, 1997, p. 448 *apud* GORDON, 1997, p. 149). Para McLuhan, Innis “preocupava-se menos em descrever os acontecimentos do que em refletir e meditar sobre suas causas profundas.” (1972, p. 298). E Innis não queria alarmar com as suas observações, mas chamar a atenção para as grandes mudanças dos meios de comunicação.

He was unwilling to give offence or to create alarm by his observations. Yet much of what he had to say was in itself disturbing. He saw that actual changes in the modes of human communication had in the past been the most radical and fecund sources of political and social revolution. However, in the past few years the scope of change in the means of communication was far greater than at any previous period. He hesitated to draw the conclusion. He created a stammer in his mind and in his prose to protect the sensibilities of his audience. (1953c, p. 45).

McLuhan, apontou que Innis estava em conflito entre estar preso a um tipo de análise considerada do passado e assumir essa técnica capaz de compreender o seu presente.

Another way of putting this is to say that Professor Innis experienced a serious conflict between his loyalties to certain nineteenth century concepts and the realities he perceived in this century. But like another Canadian, Edward Sapir, he will remain a pioneer in opening up the means of exploring and assessing the complex network of action and awareness of this age. (1953c, p. 46).

Na introdução da reedição de *The Bias of Communication* (1964), McLuhan inclusive chegou a dizer que Innis falhou por não “to be true to his own method” (2005, p. 13). Alguns outros autores apontaram que esse tipo de escrita deveu-se às preocupações de Innis com problemas de saúde nos últimos anos; também por estar adentrando em uma área

diferente dos seus conhecimentos na economia política⁶, mas também por seus textos terem sido produzidos para as apresentações orais, e não para serem publicados.

Alguns apontamentos são necessários para compreender a forma de comunicação que Innis desenvolveu na sua última década. A trilogia comunicacional de Innis não foi pensada inicialmente como livros, mas como apresentações orais. “Sabe-se comumente que, nos últimos anos, Innis tornou-se um grande defensor da comunicação oral, o que o ligou às propriedades de construção de comunidade das mídias ligadas ao tempo. (BUXTON, 2011, p. 268). Ou seja, trata-se de uma escolha teórica enquanto defesa da oralidade, na esteira de suas pesquisas sobre os meios de comunicação da sua última década⁷. Por compreender as relações das características dos meios de comunicação, tanto Innis quanto McLuhan problematizaram as condições de produção dos seus próprios discursos.

A dificuldade desse processo pode ser percebida quando Innis afirma que os próprios meios de comunicação interferem na análise e compreensão das interações sociais. “The task of understanding a culture built on the oral tradition is impossible to students steeped in the written tradition” (1972, p.55). Para McLuhan, só era possível fazer a análise do presente usando métodos condizentes com a situação comunicacional do presente e não com métodos do passado, como se olhando pelo espelho retrovisor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

McLuhan apontou uma continuidade entre os estudos econômicos e as pesquisas mais focadas nos meios de comunicação, percebendo no estilo de escrita de Innis um mesmo método que ele também aplicou (ainda que tenha percebido que Innis estava em conflito com essa decisão).

⁶ Como aponta o importante arqueólogo Vere Gordon Childe (1951) na resenha de *Empire and Communications* (1951), Innis usa muito de fontes secundárias e acaba cometendo alguns erros históricos. Isso decorre, pois Innis não estava na sua zona de conforto da economia política e de suas fontes primárias, ao adentrar a discussão sobre grandes impérios do passado e na perspectiva de uma análise da importância dos meios de comunicação para a sobrevivência e vitalidade dos impérios.

⁷ Para Buxton, apesar da estratégia de Innis, isso não colaborou muito para formar “redes de interlocutores com ideias semelhantes” (2011, p. 269), ao contrário de McLuhan que estava mais interessado em formar uma rede baseada em textos escritos e pelo uso extenso de cartas para estabelecer conversas. Buxton parece diminuir a importância de que McLuhan era conhecido justamente pela oratória e que a utilizava como ferramenta para o desenvolvimento de novas ideias. Até mesmo as suas cartas, a que Buxton (2011, p. 269) faz referência, na maioria das vezes eram ditadas para uma secretária (ou sua esposa) que as redigia (MARCHAND, 1989, p. 154).

A discussão sobre a forma como McLuhan apresentou e se apropriou do trabalho de Innis não é uma questão de a apresentação estar “correta” em relação ao pensamento do autor, mas da compreensão da maneira pela qual essa aproximação foi feita e as consequências para o cenário teórico comunicacional. Por isso, é necessário receber com ressalvas as críticas de Buxton no sentido de que se trata de uma distorção: “surgiu, em detrimento de aspectos distorcidos da obra de Innis sobre comunicação, negligenciando totalmente outros.” (2011, p. 256). O processo que Buxton aponta como distorção, a nosso ver, é inevitável em investidas desse tipo: em que temos um olhar de um pesquisador sobre o trabalho de outro.

A forma de produção teórica de McLuhan merece destaque: pois opta por se apropriar das ideias de outros autores, criando analogias e distorcendo-as deliberadamente para que se encaixem no seu projeto de exploração de ideias. McLuhan fez o mesmo ao se aproveitar do grupo interdisciplinar que se reuniu em volta da revista *Explorations* para ampliar e refinar suas ideias. É o que McLuhan reafirma em vários momentos ao dizer que não possui uma teoria da comunicação, não possui um ponto de vista fixo e que: “I don't explain, I explore.” (1966, p. 99). Quando McLuhan situou seu trabalho como nota de rodapé teve como propósito transformar as ideias de Innis e realçar certas características do pensamento desse último. A relação dos autores não deveria ser vista como uma “merely static and lineal pattern of acknowledgement of debts and/or influences.” (CHRYSTALL, 2020, p. 330). Ao contrário de tomar McLuhan de forma literal, investigar o *como* ele diz pode nos trazer importantes contribuições.

Da mesma forma, é preciso cuidado para não limitar a leitura de Innis pela perspectiva de McLuhan, e uma análise crítica para que se possa compreender o autor em seus próprios termos, algo que o próprio McLuhan chama a atenção “Innis takes much time to read if he is read on his own terms. That he deserves to be read on his own terms becomes obvious as soon as that experiment is tried even once.” (2005, p. 8).

REFERÊNCIAS

- BUXTON, William J.. “A ascensão do mcluhanismo, a perda do senso de Innis: Repensando as origens da Escola de Comunicação de Toronto”. In: BARBOSA, M.; MORAIS, J. (Org.). **Quem Tem Medo da Pesquisa Empírica?**. São Paulo: Intercom, 2011, v. , p. 255-280.
- BUXTON, William J.; THIERRY, Bardini. Tracing Innis and McLuhan. **Canadian Journal of Communication**, 37(4), 2012, p. 551–560.
- BUXTON, W. J.. The "Values" Discussion Group at the University of Toronto, February-May 1949. **Canadian Journal of Communication**, [S.l.], v. 29, n. 2, feb. 2004.

- CHILDE, V. Gordon. Resenha de *Empire and Communications*, por H. A. Innis. **The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue Canadienne d'Economique et de Science Politique**, vol. 17, no. 1, 1951, pp. 98–100.
- CHRYSSTALL, A. A Second Way to Read McLuhan's Footnotes to Innis. **Canadian Journal Of Communication**, 45(2), 2020.
- GORDON, W. Terrence. **Marshall McLuhan: A Biography**. Basic Books. 1997. 465pp.
- HEYER, P. **Harold Innis**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2003.
- HOWARD, Janes. Marshall McLuhan, Canada's talky social Catalyst - Oracle of the Electric Age. **Life magazine**, Fev. 24, 1966. P.91-99.
- INNIS, Harold. **The Bias of Communication**. Toronto: University of Toronto, 1951.
- _____. **The Bias of Communication**. Introduction by Marshall McLuhan. Toronto: UoT, 1964.
- _____. **Changing Concepts of Time**. Toronto: University of Toronto Press, 1952.
- _____. **Empire and Communications**. Oxford University Press, 1950.
- _____. "The Penetrative Powers of the Price System". **The Canadian Journal of Economics and Political Science**. Vol. 4, No. 3 (Aug., 1938), pp. 299-319
- LOGAN, Robert. **The sixth language**. Niagara Falls, NY: Stoddart, 2000.
- MARCHAND, Philip. **Marshall McLuhan**. Random House. 1989. 320pp.
- MCEWEN, Cameron. **McLuhan on first meeting Innis**. 2018. Disponível em: <https://mcluhansnewsociences.com/mcluhan/2018/05/mcluhan-on-first-meeting-innis/> Acesso em: 10 de fev 2022.
- MCLUHAN, E.; ZINGRONE, F. (eds), **Essential McLuhan**. House of Anansi, 1995.
- MCLUHAN, M.. "Culture without Literacy". **Explorations: Studies in Culture and Communications 1** (Dec. 1953a), 117-127
- _____. "Effects of the Improvements of Communication Media," **Journal of Economic History** 20, 4, 1960: 556-575.
- _____. "Joyce, Mallarmé and the Press," *Sewanee Review* 62, 1, 1954: 38-55;
- _____. "Letter to Harold Adams Innis (1951)". In: MCLUHAN, E.; ZINGRONE, F. (eds), **Essential McLuhan**. House of Anansi, 1995, p. 66-69.
- _____. "Myth and the Mass Media," **Daedalus** 88, 2, 1959, p. 339-348;
- _____. "The Effects of the Improvement of Communication Media". **Journal of Economic History** 20 (Dec. 1960), p. 566-75.
- _____. "The Later Innis." **Queen's Quarterly**, 60, 1953b, p. 385-94.
- _____. **A Galáxia de Gutenberg**. São Paulo: CEN, 1972.
- _____. Introduction. **Marshall McLuhan Unbound**. Corte Madera, CA : Gingko. v. 8, p. 8. Reimpressão da introdução da edição de 1964 de Innis *The Bias of Communication*. [1964] 2005.
- _____. McLuhan on Innis. [Entrevista concedida a] Carl Scharfe. **The McLuhan Institute**, 1976. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jTLqTI7u7S0&ab_channel=TheMcLuhanInstitute Acesso em: 9 de jun 2022.
- _____. Review Changing Concepts of Time. In: **Northern Review** 6.3 Aug.Sept.1953c p. 44-6.
- _____. **The Gutenberg galaxy: The making of typographic man**. Toronto: UTP, 1962.
- _____. **The Mechanical Bride**. New York: Vanguard Press, 1951.
- _____. **Understanding Media: The Extensions of Man**. London: Routledge & Kegan Paul, 1964.
- MCLUHAN, M.; CARPENTER, E.. "The New Languages" **Chicago Review** 10,1,1956, p. 46-52.
- MCLUHAN, M.; MOLINARO, M., MCLUHAN, C.; TOYE, W. (eds.). **Letters of Marshall McLuhan**. Toronto: Oxford University Press, 1987.
- NEILL, R. F., **An Exploratory Survey of Industrial Galaxies in Canadian Economic Development** (unpublished M.A. dissertation, University of Toronto, 1960), p. VII
- ONUFRIJCHUK, Roman. "Introducing Innis / McLuhan concluding: The Innis in McLuhan's 'system'", **The Australian Journal of Media & Culture**, 7:1, 1993, p. 43-74.
- SCHARFE, C. Herald - Harold Adams Innis. In: **Innis Herald**. 77-78. Sep. V.11, I.1, 1977.
- THE DALHOUSIE REVIEW, Volume 15, Number 4, 1936.
- WOLFE, Tom. *Hooking up*. New York, NY: Farrar, Straus and Giroux, 2000.